

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: _____

Data: 01.09.88

Pg.: _____

Índios festejam manutenção do cacique Claudino na Guarita

Assembléia decide não destituí-lo em decorrência do conflito na reserva

Por MARCELO RECH
Enviado Especial/ZH

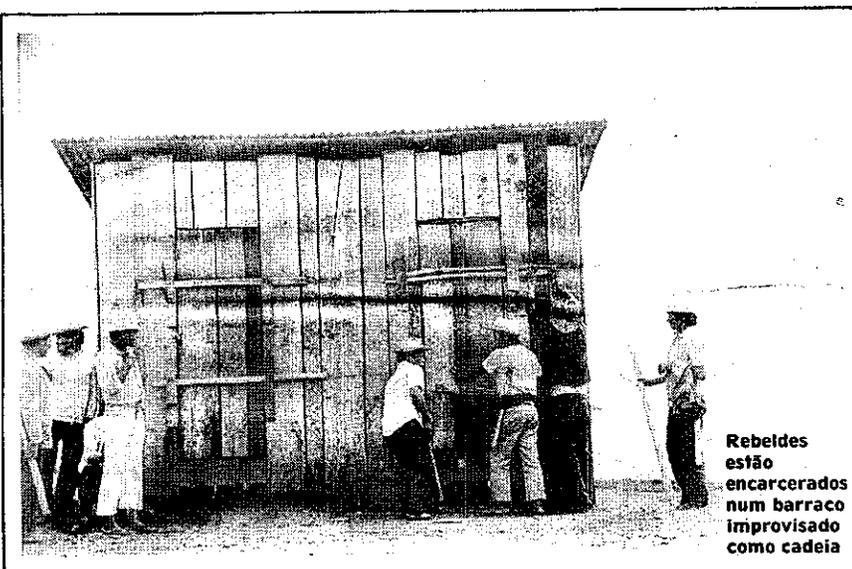
190
Numa comemoração regada à cachaça e animada com foguetório e tiros para o alto, o cacique Samuel Claudino, da reserva de Guarita, em Tenente Portela, e seus aliados vararam a noite festejando a sua manutenção no cargo, depois que uma assembléia dos índios decidiu não destituí-lo da chefia, ameaçada pelo episódio de segunda-feira de manhã, quando liderou 50 homens num ataque a casas de famílias que fazem oposição à sua administração. Durante o quebraquebra, seis índios saíram feridos e outros seis foram presos. Até a tarde de ontem, as lideranças rebeldes detidas continuavam encarceradas num barraco improvisado como cadeia, sem saberem que o cacique pretende transferi-los da reserva para tentar colocar um ponto final na oposição.

As cerca de 30 famílias que rejeitam os métodos do cacique estão aterrorizadas. Os chefes de família se refugiam em casas fora da reserva ou então perambulam pelos campos, com medo de também serem aprisionados pela polícia do cacique. "É horrível, ninguém dorme. Nossos homens estão no mato e nós passamos a noite de pé cuidando uma da outra", descreveu uma índia. Nenhum dos índios rebeldes pode ser identificado porque estão certos de que sofrerão represálias da polícia indígena. Esta tropa, que deveria servir para a segurança da reserva, anda armada com porretes e espingardas e é empregada pelo cacique para sustentar seu regime de terror.

Dinheiro nos Bordéis

"Eles são as prostitutas do Samuel", denuncia um índio que participou da assembléia de terça-feira e que ficou revoltado com a manipulação do cacique

Vedir Frolin/ZH



Rebeldes estão encarcerados num barraco improvisado como cadeia

para se manter no cargo. Embora conteste a chefia da reserva, este índio foi forçado a se posicionar na reunião ao lado do cacique, que é acusado de vender a madeira e veículos da reserva e de ter embolsado, numa negociata, Cz\$ 1.500,00 por cada um dos 5 mil hectares arrendados da Guarita, uma área com 12 mil hectares.

O cacique garante que as famílias rebeldes terão segurança se quiserem voltar às suas casas, mas os índios consideram que a palavra dele "não vale uma flecha quebrada". "Ele sabe mentir muito bem na frente da imprensa e da Funai", afirma um índio que está escondido fora dos limites da reserva, ao lado de sua mulher e dos filhos. Nenhum dos opositores acredita também que o cacique cumpra a palavra dada ao administrador regional da Funai, Francisco

Eugênio dos Santos, de que, a partir do próximo ano, os arrendamentos — uma prática proibida por lei em reservas indígenas — serão progressivamente extintos na Guarita. Segundo estes adversários, o próprio cacique tem 300 hectares arrendados em seu nome e a intenção, ao atacar as casas dos que denunciaram a corrupção, foi se adonar das terras destas famílias.

Apesar da decisão do cacique de expulsar os cabeças do movimento, as famílias restantes garantem que vão resistir na reserva, ao mesmo tempo que esperam uma intervenção federal que destitua Samuel Claudino e seus capangas. "Se não for assim, eles vão continuar gastando todo o dinheiro dos trambiques em farras e casas de tolerância de Tenente Portela e Miraguaí", adverte um índio.